



Educomunicação: processo pedagógico ou ferramenta pedagógica?¹

Filipe Norberto Ribeiro SOARES²
Luis Fernando Ribeiro de OLIVEIRA³
Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO: O presente estudo é uma revisão bibliográfica a respeito do conceito e da aplicação prática da Educomunicação em ambientes escolares. Valendo-se essencialmente das produções acadêmicas do argentino Mario Kaplún e do brasileiro Ismar Soares, pretende-se estabelecer comparações críticas sobre os pensamentos de ambos e destacar os principais pontos de dissonância entre eles. Embora o eixo de questionamentos esteja focado nos dois pesquisadores, outros estudiosos como José Marques de Melo, Paulo Freire e Eduardo Meditsch são incluídos na discussão tanto para endossar teorizações quanto para assinalar os pontos de divergências conceituais.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão Bibliográfica; Educomunicação; Mario Kaplún; Ismar Soares; Paulo Freire.

Introdução

Uma leitura inicialmente despreziosa despertou um assunto de abrangência teórica irrestrita e reflexos sociais não menos relevantes. Mesmo não sendo um campo de conhecimento frequentemente abordado pelo pesquisador José Marques de Melo, no livro *Teoria do Jornalismo: identidades brasileiras* (2006), ele elenca motivos convincentes para o desenvolvimento de jornais escolares como requisito pedagógico para uma formação mais interdisciplinar e abrangente.

Percepção crítica da realidade; redução da distância entre o educando e os textos estudados; aprendizagem das estruturas da língua; abertura de espaço efetivo para a liberdade do aluno dentro da escola; incentivo ao exercício da cidadania são alguns dos benefícios citados por ele quando se vivencia a experiência de jornais escolares como atividades pedagógicas (MELO, 2006).

Embora a análise de Melo (2006) concentre-se somente na realidade dos jornais escolares, outras possibilidades de incremento pedagógico estão atualmente ao alcance das escolas brasileiras como são os casos das rádios escolares, dos programas televisivos e dos ambientes virtuais (*blogs, websites, etc*). É o que corrobora Kaplún

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015

² Estudante de Graduação. 8º período do Curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Email: filipens@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Email: luisfernando.ro@hotmail.com



(1998) quando ressalta que “o substancial não reside no meio escolhido mas sim na função que ele cumpre: a de abrir aos educandos canais de comunicação através dos quais socializar os produtos de sua aprendizagem”⁴ (KAPLÚN, 1998, p. 212).

O presente estudo trata, pois, de uma proposta de discussão conceitual e de aplicação prática dos principais preceitos da Educomunicação, valendo-se para isso de uma revisão bibliográfica crítica a respeito do assunto segundo os estudos de Mario Kaplún e Ismar Soares.

Mesmo após ler, pesquisar, consultar e questionar as principais obras relativas ao assunto, esboçar uma explicação precisa do que seja Educomunicação constitui-se em tarefa complicada. Dizer se tratar apenas da junção de duas áreas de investigação científica distintas (Educação e Comunicação) não basta para abarcar a dimensão das discussões travadas no âmbito da Educomunicação. Mais do que a proposição da utilização de meios de comunicação e novas tecnologias no ambiente de sala de aula, a área em questão visa ao desenvolvimento de uma nova mentalidade pedagógica em que a autonomia e a participação dos alunos sejam eixos principais no processo educacional. E tudo isso porque (...) os homens são seres da práxis. São seres do que fazer, diferentes, por isto mesmo dos animais, seres do puro fazer (FREIRE, 1996, p. 70).

Por esse motivo, “(...) enquanto o animal é essencialmente um ser da acomodação e do ajustamento, o homem o é da integração” (FREIRE, 1967, p. 42), surgindo nesse contexto de interação sócio-espacial uma Educomunicação que objetiva viabilizar tanto a produção de meios de comunicação pelos próprios alunos como são os casos dos jornais impressos; rádios escolares; blogs e websites e programas televisivos; quanto trabalhar a comunicação estabelecida dentro de sala de aula entre educandos e educadores para que o fluxo informacional seja dinâmico o suficiente para possibilitar a troca de conhecimentos e saberes interdisciplinares.

Para a Educomunicação, a postura passiva de um discente que só está apto a digerir um conteúdo programático pré-estabelecido pelo corpo docente e dirigente dos estabelecimentos escolares não condiz com os anseios e necessidades modernas de formação de indivíduos dotados de senso crítico face à realidade que os rodeia.

Muito tempo antes do surgimento da educação como campo de investigação científica, vários filósofos e pensadores dedicaram-se direta ou indiretamente ao

⁴ Do original: “Lo sustancial no reside en el medio elegido sino en la función que éste cumple: la de abrir a los educandos canales de comunicación a través de los cuales socializar los productos de su aprendizaje” (KAPLÚN, 1998, p. 212).



assunto. Por volta de 470 a.C, nascia o filósofo Sócrates, que ficaria famoso por frases como “Conhece-te a ti mesmo” e “Só sei que nada sei”. Pensamentos que, unidos à prática educacional de Sócrates conhecida como maiêutica⁵, levantam a hipótese da existência de esforços precursores de aproximação entre Educação e Comunicação, mesmo que a segunda ainda nem existisse como área específica de estudo na época.

Assim como Sócrates, dezenas de outros filósofos debruçaram-se sobre temas educacionais e acabaram por relacioná-lo e interligá-lo ao processo natural da humanidade conhecido como comunicação como são os casos de Célestin Freinet; Edgard Roquette-Pinto; Theodor Adorno; Jesús Martín-Barbero; Juan Díaz Bordenave; Paulo Freire; dentre outros. O escopo da presente pesquisa não permite abordar cada um deles individualmente, mas uma mínima constatação das contribuições que fizeram fica por conta da já explicitada experiência socrática.

1. Conceituação e aplicação da Educomunicação segundo Mario Kaplún e Ismar Soares

Para que se possa estabelecer um diálogo produtivo entre as concepções educomunicacionais de Mario Kaplún e Ismar Soares, faz-se útil, primeiramente, uma apresentação dos contextos de nascimento, desenvolvimento intelectual e produção acadêmica dos pensadores e educomunicadores. Sem essa preocupação inicial, a confrontação das teorias e práticas ficaria restrita somente às palavras dos estudiosos, pouco levando em conta a trajetória de vida deles.

Mário Kaplún nasceu em 1923 na Argentina. Na cidade de Buenos Aires, ele passou a infância, a juventude e estudou para ser professor. Em 1952, em virtude de restrições políticas provocadas pela censura argentina, mudou-se para o Uruguai, onde iniciou o desenvolvimento de uma série de habilidades que fariam com que fosse reconhecido como professor, pesquisador, dramaturgo, jornalista, publicitário, radialista e autor de obras de referência em comunicação (MEDITSCH & BETTI, 2008). Ao lidar com outra ditadura militar em 1978, desta vez no Uruguai, Kaplún exilou-se na Venezuela até 1985 e foi coordenador da área de comunicação do *Centro al Servicio de la Acción Popular (CESAP)*, desenvolvendo trabalhos principalmente em prol da

⁵ Por meio do método da maiêutica, Sócrates instigava o aprendiz a procurar a verdade no interior de si mesmo. Ao levar seus discípulos a duvidarem de seus próprios conhecimentos, Sócrates – cuja mãe era parteira-, permitia que eles “dessem à luz (parto)” – significado literal da palavra maiêutica – a uma nova forma de conhecimento e compreensão do mundo.



comunicação popular e da educação antes de falecer em Montevideú, no Uruguai, em 1998. (INFOAMÉRICA, 2015)

Ismar de Oliveira Soares é Bacharel em Geografia e Licenciado em História (1965), jornalista formado em 1970, Mestre desde 1980 e Doutor em Ciências da Comunicação (1986), com pós-doutorado em 2000. Coordena, desde 1996, o NCE- Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP (USPDIGITAL, 2014)

Pesquisador da FAPESP, ressemantizou, em 1999, o neologismo Educomunicação para designar um campo emergente de intervenção social na interface comunicação/educação. É professor titular da Universidade de São Paulo; supervisor do Projeto Mídias na Educação do Ministério da Educação, no Estado de São Paulo, preside a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação (ABPEducom) e coordena a implementação da Licenciatura em Educomunicação junto à Escola de Comunicações (Idem, *ibidem*).

1.1. O conceito

Agora que já se tem uma noção da trajetória acadêmica e de vida dos dois pesquisadores, focalizar-se-á a figura de Kaplún quanto às crenças e ideais que o motivaram a cunhar o termo “educomunicação” e fazer dele uma bandeira para a busca de uma educação mais problematizadora. Nesse intuito do estudioso argentino, destaca-se o levantamento de preceitos para a realização de uma comunicação dialógica entre educadores e educandos. O reconhecimento do poder do diálogo é tão marcante na obra de Kaplún que ele chega a registrar categoricamente que “só o diálogo comunica”⁶ (KAPLÚN, 1998, p. 60).

Primeiramente, há de se vencer a distorção observada no papel da Comunicação no processo educativo. Não raras vezes vista como mera ferramenta pedagógica, ela tem suas potencialidades minimizadas por uma mentalidade ainda presa a modelos obsoletos de ensino e aprendizagem, como ressalta o pesquisador argentino:

O diálogo entre educação e comunicação está longe de ser fluido e frutífero. O mais freqüente é que a primeira entenda a segunda em termos subsidiários e meramente instrumentais, concebendo-a tão somente como veículo multiplicador e distribuidor dos conteúdos que ela predetermina. Desta forma, foi-se petrificando o duplo e pertinaz mal entendido: a comunicação equiparada ao emprego de meios tecnológicos de transmissão e difusão e, ao mesmo tempo, vista como mero instrumento subsidiário, percepção que a cerceia e a despoja do muito que ela tem para

⁶ Do original: “Só o diálogo comunica” (KAPLÚN, 1998, p. 60).



oferecer aos processos de ensino/aprendizagem⁷ (KAPLÚN, 2006, p. 198).

Ao adentrar na complexa discussão a respeito do cenário educacional e da convivência entre as duas áreas, Ismar Soares (2000) vai ao encontro das preocupações de Kaplún (2006) quando destaca que no exercício da Educomunicação:

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2000, p. 20)

As palavras de Soares (2000) acenam para uma tentativa de eliminação das antigas fronteiras entre os campos da Educação e Comunicação em prol de uma pedagogia mais abrangente e construtiva e, nesse aspecto, seus dizeres aproximam-se daqueles expressos por Kaplún no decorrer de sua vida e nas linhas de suas obras.

Para ambos, a Educomunicação seria uma alternativa para driblar o monólogo docente instituído pela concepção “bancária” de educação (FREIRE apud BORDENAVE & PEREIRA, 1982) e dotar os educandos de um senso crítico mais aguçado. Por meio de uma comunicação mais libertadora e participativa, colocam-se os discentes em contato instigante com suas próprias existências, com as experiências vividas por eles no cotidiano, levando para a sala de aula conteúdos mais palpáveis e estimulantes.

A figura do professor assume na Educomunicação uma outra postura e é de essencial relevância que ele saiba relativizar pouco a pouco a intimidação gerada pelo comando hierárquico que lhe é conferido desde o surgimento das instituições de ensino. Só assim, pois, serão gradativamente deixadas para trás castrações da identidade dos alunos. “O professor está lá para incentivar, para facilitar o processo de busca, para problematizar, para fazer perguntas, para ouvir, para ajudar o grupo a se expressar e

⁷Do original: (...) el diálogo entre Educación y Comunicación está lejos de haber sido hasta ahora fluido y fructífero. Lo más frecuente ha sido que la primera entendiera a la segunda en términos subsidiarios y meramente instrumentales, concibiéndola tan sólo como vehículo multiplicador y distribuidor de los contenidos que ella predetermina. Así se fue petrificando de ese modo el doble y pertinaz malentendido: la comunicación equiparada al empleo de medios tecnológicos de transmisión y difusión y, a la vez, visualizada como mero instrumento subsidiario, percepción que la mutila y la despoja de lo mucho que ella tiene para aportar a los procesos de enseñanza/aprendizaje.” (Kaplún, 2006, p. 198)



trazer-lhe a informação que precisa para avançar no processo. É um facilitador”⁸ (KAPLÚN, 1996, p. 54).

Uma pesquisa detalhada sobre a realidade das escolas brasileiras não teria dificuldades em relatar a ineficiência das ações pedagógicas, visto que o apego ao conteúdo programático não permite o auto-reconhecimento do educando nos assuntos estudados. Não é de se estranhar, pois, que o ambiente escolar seja visto atualmente pelos jovens como desanimador, infecundo e entediante. “A escola hoje repele e joga contra as experiências mais interessantes que a adolescência proporciona ao indivíduo. A escola está distante do jovem” (SOARES, 2011, p. 08).

Sem um esforço de aproximação afetiva entre educadores e educandos, o fluxo de saberes fica interrompido. Nessa mesma linha de raciocínio, repensar a distância entre os diferentes modelos educacionais é inevitável quando se pretende discutir o caminho que a educação nacional tem tomado. Pelos preceitos que são caros à Educomunicação:

(...) uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entendê-lo, sem sequer escutá-lo (SOARES, 2011, p. 08)

Embora Kaplún não tenha deixado em suas obras um conceito explícito de Educomunicação, seus estudos caminharam no sentido de nortear a reflexão e prática de futuros educadores. Primeiramente, o argentino atribui um papel central à comunicação no processo educacional, ao “considerar à comunicação não como um mero instrumento mediático e tecnológico, mas acima de tudo um componente pedagógico”⁹ (KAPLÚN, 1998, p. 158). Isso significa dizer que a comunicação precisa ser vista como um eixo condutor das práticas e não como ferramenta midiática a ser usada em aulas esporádicas.

Diferentemente de Kaplún, Ismar Soares esboçou em sua trajetória intelectual uma definição do que seria Educomunicação para ele. Atentando-se para algumas palavras e expressões escolhidas pelo pesquisador brasileiro, pode-se contrastar sua visão com a do estudioso argentino:

⁸Do original: “El educador está ahí para estimular, para facilitar el proceso de búsqueda, para problematizar, para hacer preguntas, para escuchar, para ayudar al grupo a que se exprese y aportarle la información que necesita para que avance en el proceso. Es un facilitador” (KAPLÚN, 1985, p. 54)

⁹Do original: “(...) considerar a la Comunicación no como un mero instrumento mediático y tecnológico sino ante todo como un componente pedagógico” (KAPLÚN, 1998, p. 158)



Definimos, assim, a Educomunicação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a Educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa (SOARES, 2002, p. 24)

Ao iniciar a definição da Educomunicação, o brasileiro vale-se de vocábulos como planejamento, implementação e avaliação. Planejar, implementar e avaliar são verbos muito válidos para um modelo de educação focado no cumprimento de prazos, no seguimento de cronogramas escolares e em um sistema precário de atribuição de notas aos alunos. Optar por utilizar tais verbos na definição demonstra que Ismar Soares (2011), mesmo se esforçando por vislumbrar novos rumos nas relações dialógicas entre educandos e educadores, possui ainda amarras com o modelo mais tradicional de educação. A Educomunicação pode sim se valer de planejamento e formas de avaliação em suas atividades, porém, da maneira como é dito na citação, tem-se quase que o assinalamento de um caminho impreterível a ser seguido pelos educadores.

Continuando a análise fracionada da definição, destaca-se a expressão ecossistemas comunicativos. Ademilde Sartori e Maria Salette Soares (2005) atribuem a criação do termo a Jesús- Martín Barbero e assinalam que “(...) se trata de uma experiência cultural nova (...) uns novos modos de perceber e de sentir, de ouvir e de ver, uma nova sensibilidade (...)”¹⁰ (MARTÍN-BARBERO apud SARTORI & SOARES, 2005, p. 05). O próprio Ismar Soares (2000) esboça desta maneira seu entendimento pelo termo:

O conceito de ecossistema comunicacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. No caso, a família, a comunidade educativa ou uma emissora de rádio criam, respectivamente, ecossistemas comunicacionais. (SOARES, 2000, p. 22- 23)

Prosseguindo na análise da definição de Educomunicação, segundo o dicionário digital Caldas Aulete, coeficiente seria “aquilo que, com sua presença ou ação em grau maior ou menor, tem influência na produção de determinado resultado; fator” (CALDAS AULETE, 2015). A utilização do vocábulo coeficiente acena para uma preocupação inicial escusa com o resultado a ser obtido por meio das ações

¹⁰ Do original: “(...) se trata de una experiencia cultural nueva (...) unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y de ver, una nueva sensibilidad (...)” (MARTÍN-BARBRO apud SARTORI & SOARES, 2005, p. 05)



desenvolvidas e isso vai de encontro aos preceitos de Kaplún, pois ele evidencia em sua obra a necessidade de tentar se desprender de pensamentos excessivos com resultados. O desenvolvimento das atividades precisa colocar em cena o processo em si de transformação pessoal, intelectual e afetiva dos educandos, sendo os resultados uma preocupação posterior e consequencial.

E, finalmente, destaca-se a expressão gestão comunicativa. A própria palavra gestão sugere em si um vínculo com conteúdos programáticos, calendários, notas de avaliações e, principalmente, objetivos pré-estabelecidos por gestores escolares e educadores.

Em resumo, as diferenças entre Mario Kaplún e Ismar Soares quanto à conceituação de Educomunicação não são gritantes nem tão visíveis a olhos destreinados, o que faz com que pareça a muitos que nem mesmo existe diferenciação entre eles. Pelas citações e interpretações elencadas no tópico, adentra-se no território da Educomunicação propriamente dita e percebe-se que os pensamentos de ambos destoam-se em alguns pontos chave do conceito. Feita a comparação com relação ao conceito, passa-se às produções dos dois acadêmicos quanto à consideração da importância do processo para a Educomunicação.

1.2. O processo

O modelo educacional que mais se aproxima dos anseios dessa comunicação dialógica pedida pela Educomunicação seria aquele baseado em uma

Educação que enfatiza o processo: destaca a importância da transformação dos indivíduos e das comunidades. Não se preocupa tanto com o conteúdo que será comunicado nem com os efeitos em termos de comportamento, mas sim com a interação dialética entre as pessoas e sua realidade; o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e sua consciência¹¹ (KAPLÚN, 1998, p. 19)

Diante da ênfase atribuída ao processo em si, não há como fugir da responsabilidade de dimensionar a abrangência e a importância de tal ênfase tanto para a teorização quanto para a prática da Educomunicação. Em sua obra intitulada *El comunicador popular* (1996), Kaplún oferece ao leitor ao mesmo tempo a indagação e uma tentativa de resposta para ela:

¹¹Do original: “Educación que pone el énfasis en el proceso: destaca la importancia del proceso de transformación de la persona y las comunidades. No se preocupa tanto de los contenidos que van a ser comunicados ni de los efectos en término de comportamiento, cuanto de la interacción dialéctica entre las personas y su realidad; del desarrollo de sus capacidades intelectuales y de su conciencia social”(KAPLÚN, 1998, p. 19).



O que é “ênfatizar o processo”? É ver a educação como um processo permanente, em que o sujeito vai descobrindo, elaborando, reinventando, fazendo seu o conhecimento. Um processo de ação-reflexão-ação que ele faz desde sua realidade, desde sua experiência, desde sua prática social, juntamente com os outros¹² (KAPLÚN, 1996, p. 51-52).

Justamente no que tange à consideração do processo de realização das ações escolares, as práticas de Mario Kaplún e Ismar Soares distam-se significativamente. Embora este faça um esforço de teorização sobre qual seria a relação entre os campos educacionais e comunicacionais no exercício da Educomunicação, o escopo de suas práticas está intimamente ligado aos objetivos e efeitos comportamentais e isso dificulta inclusive encontrar referências diretas de Ismar Soares à forma como entende a importância do processo educomunicacional por si mesmo.

Ao esboçar um tratamento indireto à questão do processo, Soares (2011) não esconde seu direcionamento objetivo nas ações pedagógicas mediadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE-USP) nos ambientes escolares em que se inserem:

Nos vários projetos que o NCE-USP tem assessorado ao longo dos últimos anos, seus mediadores aconselham os professores e estudantes das escolas servidas por suas assessorias a optarem pela área de intervenção mais conveniente para solucionar um problema específico, detectado pela comunidade, seja este um foco de indisciplina, a necessidade de aprofundamento num tópico do programa didático ou, simplesmente, o desejo de apurar o gosto estético, dando vazão à expressão comunicativa dos estudantes (SOARES, 2011, p. 49-50).

Quando se afirma que o direcionamento das iniciativas uspianas é objetivo, o que se pretende inferir é que visa atender, sobretudo, a objetivos prévia e claramente demarcados e trabalhar em prol de resultados estatísticos mais do que com vistas em ganhos complexos, abstratos e muitas vezes até mesmo imensuráveis.

Munido de uma mentalidade assim prática, não raras vezes queimam-se etapas do desenvolvimento dos processos e contamina-se o ambiente escolar com obsessões excessivas por conteúdos programáticos, sistemas de avaliação e necessidades de retratações objetivas a órgãos públicos mantenedores de iniciativas supostamente inovadoras e estruturais.

¹²Do original: “¿Qué es «ênfatizar el proceso»? Es ver a la educación como un proceso permanente, en que el sujeto va descubriendo, elaborando, reinventando, haciendo suyo el conocimiento. Un proceso de acción-reflexión-acción que él hace desde su realidad, desde su experiencia, desde su práctica social, junto con los demás”. (KAPLÚN, 1985, p. 51-52)



Assim como não existe comunicação sem interlocutores, não existem autonomia e expressão dos educandos sem vias alternativas de diálogo com os educadores. O modelo de educação em que os meios de comunicação mais utilizados são o caderno do aluno e as provas aplicadas pelos professores não possibilita a dinâmica de circuito de *prealimentación* e *feedback* sobre a qual nos fala Kaplún (1998). Além disso, uma produção voltada exclusivamente para a censura e/ou correção do educador não é de fato uma forma de expressão plena e motivadora para o educando.

Vale ressaltar também que, para a dinamização de um processo comunicacional produtivo e transformador, do mesmo modo como o docente precisa possuir senso crítico próprio para estimular a metamorfose do educando, cada estudante necessita empenhar-se no seu processo de mudança cognitiva e afetiva. A pessoa do professor assume na Educomunicação o papel não de centralizador das informações, mas sim de mediador e estimulador da curiosidade do educando.

Raciocínio lógico e imaginação criativa trabalham conjuntamente para a ampliação das possibilidades de conhecimentos incorporados pelos educandos, proporcionando experiências gratificantes de aprendizado na medida em que engloba a vivência dos alunos nas pretensões pedagógicas. Tudo isso só acontece quando as ações estão integradas e entrelaçadas com pensamentos libertadores de uma Educomunicação conceitualmente bem estabelecida e, principalmente, ciente de seu papel amplo e complexo na formação dos educandos. Não se trata apenas da aplicação de uma simples ferramenta pedagógica como outra qualquer. É um trabalho árduo de construção de uma nova mentalidade escolar para benefícios sociais enormes. Os benefícios sociais, entretanto, esbarram em problemas referentes à aplicação de fato da educomunicação nos ambientes escolares e é isso que se discutirá no tópico por vir.

1.3. A aplicação

Quando se discute como colocar em prática as ideias, o conceito e o processo de realização da Educomunicação, esbarra-se em aspectos como interesses do corpo dirigente das escolas, recursos financeiros, políticas públicas adequadas e gestões pedagógicas conservadoras. Uma coisa é compreender a tentativa de definição de Educomunicação e a importância que o processo possui para ela, outra bem diferente é assegurar a aplicação dos conceitos na controversa realidade das escolas.

Ou a possibilidade de implantação dos preceitos nem é discutida ou, quando adotada, acaba por sofrer modificações estruturais e até mesmo conceituais para caber



em orçamentos mínimos e dar satisfações de seus resultados a dirigentes pragmáticos. O primeiro grande prejudicado pela postura escolar é claramente a valorização do processo de aprendizagem em si como força motriz do desenvolvimento da Educomunicação.

Como ressalta criticamente Ismar Soares (2011), “(...) no universo da educação muito já foi pensado, e pouco se tornou política pública e perdurou” (SOARES, 2011, p. 09). Mesmo em cenários anteriores ao surgimento e desenvolvimento das práticas educacionais, as lacunas entre as novas teorias pedagógicas vislumbradas e a aplicação delas nos ambientes escolares já eram latentes. A própria discussão sobre interdisciplinaridade; reconhecimento de habilidades e competências; e outras possibilidades não se constitui em grande novidade. O maior problema reside na viabilização das ideias levantadas (SOARES, 2011).

Mesmo diante de tantas dificuldades públicas, para o pesquisador da USP, as experiências dispersas observadas pelo território nacional permitem defender o valor educativo e formativo da mentalidade educacional quando se analisam números como queda da violência nas escolas e aumento das participações discentes nos projetos. É o que se endossa pela seguinte citação:

(...) aos exemplos relacionados deve ser somado um número significativo de experiências empreendidas por universidades e organizações não governamentais em todo o país, garantindo que a eficácia do conceito educacional – com todos os seus benefícios e possíveis contradições – encontra-se sobejamente comprovada, oferecendo ao poder público a certeza de que investir neste campo é proporcionar condições para a melhoria imediata da educação em todo o território nacional. (SOARES, 2011, p. 59)

Tecer argumentos tão convictos só é possível para quem vê as iniciativas com olhos mais práticos do que teóricos, ou seja, assegurar com tal ênfase a eficiência de projetos complexos e atribuir à Educomunicação efeito de “melhoria imediata da educação em todo o território nacional” é demasiada pretensão para quem se refere a um país tão extenso e heterogêneo. Só mesmo valendo-se de estatísticas relacionadas aos resultados e efeitos imediatos dos projetos para se chegar a uma conclusão tão indubitavelmente favorável a respeito de uma temática discutida desde tempos remotos e sem sinal aparente de um consenso a vista.

Sem incorrer na pretensão de querer desconstruir no presente estudo as contribuições de Ismar Soares para a formação de saberes na área suscitada, não se poderia fazer vista grossa a outra constatação simplista e generalizante da realidade que envolve a Educomunicação e seus processos. Ao precipitar-se e afirmar que “(...) as leis



e normas que definem políticas para a educomunicação não causaram nem vem causando, até o momento, nenhum estranhamento por parte da sociedade e dos próprios educadores” (SOARES, 2011, p. 57), o pesquisador fecha as portas para qualquer tipo de contestação e idealiza os esforços de aplicação dos conceitos.

Dizer que a Educomunicação foi e está sendo recebida de forma homogeneamente positiva por parte da sociedade é, no mínimo, desconsiderar tudo que já se produziu com os debates a respeito do assunto. Assim como foram construídos conceitos uníssonos por um lado, por outro ficaram registradas divergências relevantes entre diferentes teóricos. Embora haja a compreensão da sociedade de que é necessária uma mudança na forma de se educar crianças e adolescentes, quando se indaga como fazer isso, as respostas são dissonantes e não necessariamente apontam para a aprovação unânime das atividades da Educomunicação.

No que tange à aplicação da Educomunicação, uma análise sensível das palavras de Mario Kaplún e de Ismar Soares evidencia o enfoque distinto que atribuem às ações pedagógicas que propõem. Este, como ficou explícito desde o início do tópico, caminha no sentido da aprovação total de uma Educomunicação caracterizada como ferramenta pedagógica e cuja análise baseada em números absolutos, estatísticas, resultados e objetivos pré-estipulados leva ao entendimento de que as iniciativas têm tido sucesso inquestionável em todas as localidades e contextos observados.

O cenário é propício para a gradativa transformação da Educomunicação em mera ferramenta pedagógica a serviço dos conteúdos previamente definidos por um programa escolar engessado e fechado às possibilidades de aprendizagem provenientes das experiências reais vividas pelos alunos.

Kaplún, por sua vez, procura manter-se mais fiel aos conceitos iniciais (muitos deles cunhados por ele mesmo) da interação entre Comunicação e Educação, desenvolvendo postura mais crítica ao trazer à tona questionamentos que examinam as raízes da Educomunicação. Entretanto, mesmo ciente das divergências conceituais e práticas do meio, Kaplún peca ao prender-se à discussão pormenorizada do processo controverso de definição da Educomunicação e esquivar-se da proposição de formas efetivas e fiéis de garantir aplicações realmente educacionais.

Por debruçar-se sobre a conceituação, o pesquisador argentino acaba distanciando-se das complicações práticas ligadas aos desvios observados nos momentos de aplicação dos conceitos e de transformação deles em práticas pedagógicas de fato exequíveis. E, nesse aspecto, a postura de Ismar Soares preenche uma lacuna



deixada por Kaplún e destaca-se como uma vertente voltada para a ligação possível entre as premissas teóricas e as possibilidades de aplicação parcial delas em ambientes escolares nem sempre abertos e simpáticos a todos os preceitos educacionais. Trata-se, pois, de uma adaptação por meio da qual os educadores precisariam abrir mão de uma série de princípios para que tivessem a mínima oportunidade de adentrar nas escolas e colocar em prática ao menos algumas ideias pedagógicas inovadoras.

Considerações finais

Kaplún não se abstém da preocupação com o alcance dos resultados e dos objetivos das ações. Mas, todavia, quando toca em tais assuntos, instintivamente foge de argumentações simplistas e procura não atribuir a dados estatísticos os êxitos e fracassos das iniciativas. Ismar Soares, por sua vez, não em raros momentos é flagrado estendendo-se em relatos numéricos otimistas de suas contribuições junto a políticas públicas. Tal postura leva a generalizações que muitas vezes esvaziam o debate e indiretamente impedem o reconhecimento da Educomunicação como algo mais do que mera ferramenta pedagógica posta nas mãos dos mesmos educadores, reféns da mesma mentalidade hierárquica docente.

Ao passo que a maior falha de Kaplún é desconsiderar a inevitável necessidade de negociação de espaço na inconsciente disputa ideológica entre os diferentes profissionais envolvidos com a educação, o deslize de Soares é ceder demais aos interesses imediatistas de iniciativas educacionais públicas, distanciando-se excessivamente da proposta inicial da Educomunicação.

Ismar Soares apega-se à praticidade e comodidade dos resultados imediatos para assegurar êxitos educacionais que só poderiam ser propagados após análises mais acuradas e menos reféns de dados estatísticos. Valer-se de constatações numéricas e percentuais para medir os objetivos constitui-se em um retrocesso para as ambições da Educomunicação e insistir nessa prática descaracteriza a essência de seus ensinamentos.

Se, por um lado, tal postura ajuda a diminuir as abstrações e demarcar um norte para muitos educadores, por outro, ela incorre em erros muito semelhantes aos combatidos pela própria Educomunicação. Uma contradição



que só encontra explicação quando se recorda que o pesquisador brasileiro está constantemente ligado a iniciativas públicas para as quais precisa de respaldos objetivos para ter o apoio e financiamento governamentais.

A maior crítica que se faz à atuação de Ismar Soares reside justamente no fato de que um dos principais conceitos da Educomunicação é a valorização do processo em si de desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos e, quando se foca demasiadamente resultados, queimam-se etapas do desenvolvimento dos processos e contamina-se o ambiente escolar com obsessões excessivas por conteúdos programáticos, sistemas de avaliação e necessidades de retratações objetivas a órgãos públicos mantenedores de iniciativas supostamente inovadoras e estruturais.

Referências Bibliográficas

AULETE, F.J.C., GARCIA, H. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em: www.auletedigital.com.br. Acesso em: 23 mar. 2015.

BORDENAVE, Juan Díaz ; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino - aprendizagem**. 3. ed., Petrópolis: Vozes, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

INFOAMÉRICA. 2015. *Mario Kaplún (1923 – 1998): perfil biográfico y académico*. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/teoria/kaplun1.htm>. Acesso em: 09 fev. 2015.

KAPLÚN, Mário. *Una pedagogía de la comunicación*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

_____. *La comunicación de masas en América Latina*. Bogotá: Ed. Legado Utópico de Mario Kaplún. São Paulo: Cátedra UNESCO/UMESP, 2006.

_____. *El comunicador popular*. Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996.

_____. *Procesos educativos y canales de comunicación*. **Revista Chasqui**, n.64, dez. 1998

_____. *Del educando oyente al educando hablante*. **Revista Diálogos de Comunicación**. FELAFACS, nº 37, p 18-28, set. 1992. Disponível em: <http://www.dialogosfelafacs.net/wp-content/uploads/2012/01/37-revista-dialogos-del-educando-oyente-al-educando-hablante.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2015



MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana. Mario Kaplún: teoría e técnica radiofónica a serviço da emancipação latino-americana. Trabalho apresentado no NP Mídia Sonora do **VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação**, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1473-1.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2015

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

SARTORI, A.S.; SOARES, M.S.P. Concepções dialógicas e as NTIC: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos. **V Colóquio Internacional Paulo Freire**. Recife, set. 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>. Acesso em : 15 mar. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação**, nº19. São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 07, p.12-24, set./dez. 2000.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In BACCEGA, M. A. (org.) **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/USP/Salesiana, nº 23, p.16-25, jan./abr., 2002.